

FRIGIDA

I

Balzac a meu rival, minha senhora inglesa!  
Eu quero-a porque odeio as carnações redondas! Mas  
ele eternizou-The a singular beleza  
E eu turbo-me ao deter seus olhos cor das ondas.

II

Admiro-a. A sua Tonga e placida estatura  
Expõe a majestade austera dos Invernos. Não cora  
no seu todo a tímida candura;  
Dançam a paz dos céus e o assombro dos infernos.

III

Eu vejo-a caminhar, fleumática, irritante,  
Numa das mãos franzindo um lento de cambraia!...  
Ninguém me prende assim, fiinebre, extravagante,  
\_ Quando arregaa e ondula a preguiçosa saia!

IV

Ouso esperar, talvez, que o seu amor me acoite, Mas  
nunca a fitarei duma maneira franca; Traz o esplendor  
do Dia e a palidez da Noite, E, como o Sol, dourada,  
e, como a Lua, branca!

V

Pudesse-me eu prostrar, num meditado impulso, **O**  
gelida mulher bizarramente estranha, E tremulo depor  
os lábios no seu pulso, Entre a macia luva e o punho  
de bretanha! ...

VI

Cintila no seu rosto a lucidez das joias.  
Ao encarar consign, a fantasia pasma; Pausadamente  
lembra o silvo das jiboias  
E a marcha demorada e muda dum fantasma.